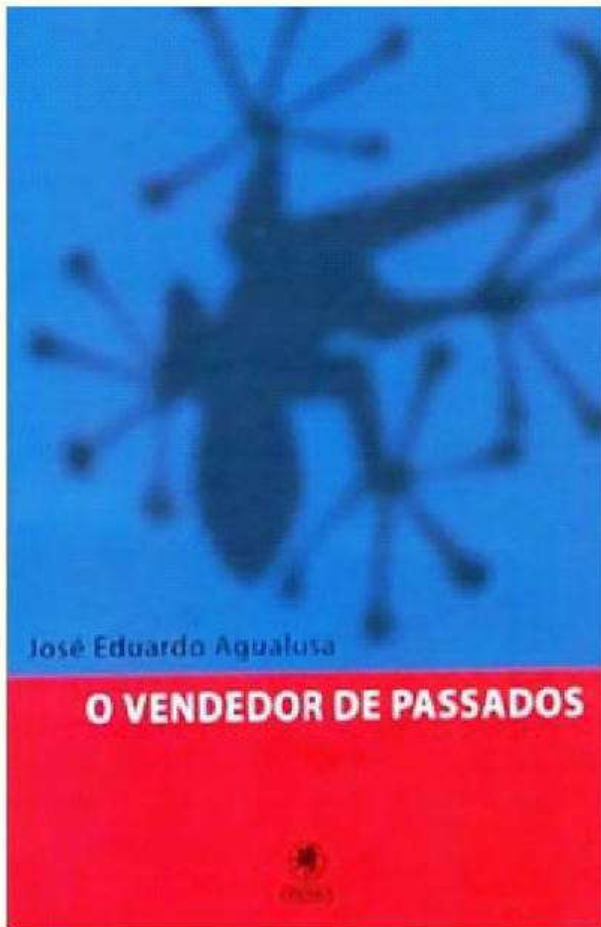


Por Silvano Fidelis

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.



O valor e a qualidade de um livro não se medem pelo número de páginas que ele traz afinal as palavras podem falar, mas também podem ser portadoras de um vazio. O muito, às vezes traz o pouco. É isso o que penso, quando volto a minha estante e pego um pequeno livro, poucas páginas, mas muitos sentidos, um livro grifado, grifado na folha, mas, sobretudo um livro grifado pela vida, pelas experiências, pela subjetividade, pois o livro cria o seu leitor, parafraseando o historiador francês Jules Michellet. As palavras desse livro são capazes de apaixonar até mesmo as pessoas menos habituadas a leitura, pois ao mesmo tempo em que trazem uma história envolvente, mexem com aquilo que inerente ao homem; a memória, ou a forma como nos rela-

cionamos e como lidamos com nosso passado, mesmo aquele passado amargo, aquele passado que nos remexe com a nossa sensibilidade.

Não seria leviano dizer que “O vendedor de Passados”, é um dos mais belos romances da literatura africana contemporânea. Fruto do pensamento brilhante, e da grande capacidade ensaística de José Eduardo Agualusa, escritor angolano, o livro prende o leitor desde seu início, até as últimas páginas. Parece que ao abrirmos as primeiras páginas do romance, somos arrastados para dentro da história, parece que passamos a fazer parte do cotidiano daqueles personagens que dialogam entre si, tornando a leitura, fácil, fluída e inquietante, inquietante, talvez seja essa palavra que possa definir, ou, ao menos dá os primeiros contornos na vida de quem o lê.

Eulálio e Félix Ventura, principais personagens da história, aparentemente dois seres comuns, como eu, como você, amigo leitor, esses dois sujeitos desde o início da narrativa, estabelecem uma relação profunda, de amizade, e em alguns momentos até de parentesco, suas existências parecem entrelaçadas por fios de vida. Olham-se, dialogam entre, mas, mais do que palavras, o olhar é que dá sentido à história. Tudo se descortina a partir de Eulálio, que olha, a quem nada escapa, ele é sorrateiro, se esconde, se mistura a paisagem par fazer parte dela, afinal é uma osga. Toda a relação é quase um parentesco, uma vida unida a outra, diz Félix: “Péssima pele, a sua. De-vemos ser da mesma família.” (AGUALUSA, 2005, p. 4). E é como amigos

que se cria uma relação de identificação entre eles, segundo o narrador Eulálio: “Conversamos. Ou melhor, ele fala, e eu escuto. Às vezes rio-me e isso basta-lhe. Já nos liga, suspeito, um fio de amizade.” (AGUALUSA, 2005, p. 5).

No final da leitura, podemos nos perguntar. De que forma eu me relaciono com meu passado? Então, inquietamo-nos...



Por Sabrina Bezerra

FAUSTO, Boris. **O crime do restaurante chinês, carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.

O autor da obra é Boris Fausto, este que tem sua primeira formação como bacharel em Direito, tendo exercido a profissão de Advogado por algum tempo, porém, como declarou estar insatisfeito, entrou para o curso de História em 1962, aos 32 anos, formando-se pela USP: “coordenou parte da série civilização brasileira, pesquisou temas como a revolução de 1930, as relações trabalhistas no início do século XX e a criminalidade na São Paulo da Republica Velha”.

No livro, *O crime do restaurante chinês, carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*,

o autor uniu suas duas formações e nos traz uma belíssima e interessante obra. Ao observar um crime que chocou o país, e que se arrastou por anos no Tribunal de Justiça de São Paulo, o autor, por meio de um método historiográfico conhecido como micro-história, onde a partir de um fragmento, como é esse crime e de seu suposto autor, Fausto nos traz a cada capítulo peculiaridades e construções culturais da cidade de São Paulo e do Brasil.

O livro está dividido em 16 capítulos, onde Fausto nos traz diversas discussões, usando fontes como: jornais, laudos jurídicos, perícias, discutindo métodos psicanalíticos utilizados na época, sem deixar de contextualizar a sociedade de 1930 na qual se passa o fato abordado, como por exemplo, a questão da imigração Chinesa para São Paulo, pois as vítimas eram um casal de comerciantes chineses, os métodos positivistas da policia na época para investigações e obtenção de provas, o funcionamento do Tribunal do Júri, o carnaval em São Paulo e no Rio de Janeiro, a copa do mundo e o endeusamento dos jogadores pela mídia, o movimento negro no Brasil e, claro, a força e influência dos jornais que mudaram tudo na vida do suposto autor do crime.

O mais interessante nesse livro é a riqueza de detalhes que o autor nos traz e a forma como ele expõe fatos ‘macro’ que vão fazer uma diferença enorme no desenrolar do caso na Justiça, além de fazer uma escrita mais literária, porém sem deixar de observar o contexto histórico e as discussões que perpassam o mundo jurídico.

O crime que acontece na manhã de uma terça-feira de carnaval, onde um casal, donos de

um restaurante chinês em São Paulo são mortos de forma brutal como também seus dois funcionários deixa a cidade e o país em choque, os jornais não falam sobre outro assunto durante todo o desenrolar da história que vai de 1938 a 1940. Os jornais incessantemente exploram o caso dando menor destaque a ele em duas ocasiões durante esses anos que são: na copa do mundo de 1938, e nos carnavais dos anos seguintes, que começam a ganhar forma nas duas maiores cidades do sudeste do país, Rio de Janeiro e São Paulo.

Vários suspeitos começam a aparecer até que a policia consegue a confissão de um ex-funcionário do restaurante, um homem negro, com pouca instrução e que, aparentemente, teria motivos para cometer tal crime. Os métodos que a policia usa são os responsáveis por essa conclusão, mas a mídia e o movimento negro no Brasil dessa época viram o jogo e o horror tomar outro rumo durante os anos que se seguem o processo na Justiça.

Dessa forma, esse também é um livro que nos faz refletir sobre como os casos de crimes que chocam o país e ganham grande repercussão são manipulados pelo poder da mídia que, no final, é quem vai condenar ou absolver o indiciado até hoje.